

FRANCESES NOVAMENTE NO RIO DE JANEIRO

Gen. Antônio de Souza Júnior

*Trabalho realizado para o 2º Caderno do
"JORNAL DO BRASIL", do IV Centenário, "400
Anos Memoráveis", de 15 Fev 65.*

Assim que despontou o Século XVIII, dividiu-se o Mundo Ocidental, sob a influência da Guerra da Sucessão da Espanha, em dois grupos beligerantes, com a França, de um lado, contra quase tôdas as nações européias, do outro. Essa dissensão, a decadência da esquadra gaulesa, então dedicada à guerra de corso, como processo de sobrevivência, e a fama de prosperidade do Rio de Janeiro, importante centro comercial do Império Colonial Português na América, explicam as duas incursões francesas a esta Cidade, em 1710 e 1711. A descoberta do ouro das Minas Gerais e o seu escoamento natural pelo pôrto que florescia à margem ocidental da Baía da Guanabara não podiam realmente deixar de atrair, para esta região, o interêsse e a cobiça dos inimigos da Côrte de Lisboa. Ademais, é bem possível que as investidas de Du Clerc e Du Guay-Trouin ao Rio de Janeiro, no Século XVIII, se tenham inspirado em reminiscências dos ambiciosos projetos alimentados, no Século XVI, por Villegaignon e Catarina de Médicis. Com efeito, se houvessem aquêles dois cometimentos sido coroados de pleno êxito, quem garante que se não teria tornado ostensivo e ameaçador o apoio dissimulado que os mesmos receberam de Luis XIV, Rei de França?

Como a História, porém, não é escrita com hipóteses e suposições nem fundamentada em conjeturas, vejamos o que ficou registrado nos Anais da Cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro, dos acontecimentos militares mais importantes de sua vida colonial.

A EXPEDIÇÃO DU CLERC

Jean-François Du Clerc nasceu na Ilha de Guadalupe, e ali foi educado por um dos mais célebres corsários das Antilhas, o Senhor Du Casse. Em consequência, cedo ingressou nas fileiras dos que faziam da pilhagem ou da pirataria processo de guerra marítima contra o poder naval e o comércio da Inglaterra e de seus aliados. E logo também se revelou, na aventureira atividade, "marinheiro de muito valor, mas sem o talento necessário para as grandes emprêsas".

Parece que a idéia de se apoderar do Rio de Janeiro brotou na cabeça de Du Clerc, no decurso do ano de 1708. De regresso à terra natal, depois de longa aprendizagem e estada na França, singrava o Atlân-

tico, certamente a procura de prêsas de guerra, quando, na altura do litoral pernambucano, avistou um comboio português de 4 navios mercantes, escoltados por 4 naus de guerra de 400 canhões e 300 homens de guarnição. Sem vacilar, lançou-se Du Clerc a abordagem e, após breve luta, apossou-se de precioso carregamento. Isto lhe causou funda impressão, quer pela riqueza dos despojos, quer pela falta de combatividade das tripulações dos navios atacados. Esse episódio, segundo alguns historiadores, influíu decisivamente no espírito de Du Clerc, que passou a alimentar, daí em diante, o desejo de investir a próspera colônia portuguesa na América, por acreditar, pela experiência e resultados colhidos naquele curso, quão fácil e lucrativa seria a empresa. Em 1710, ofereceu-se-lhe a oportunidade sonhada. A Companhia Chastelaine-Neuville aprestou em Brest pequena frota de cinco navios de guerra e uma balandra, para 1.500 homens de desembarque, e confiou-lhe o comando. Apesar de assalariada a Expedição por aquela organização comercial, os navios pertencia à Armada Real, eram regulares as tropas embarcadas e o seu Comandante, às vésperas da partida, via-se promovido a Capitão-de-Fragata e agraciado com a Ordem de São Luís, o que não deixava de ser significativo, conforme salientou em *Histoire de la Marine Française*, o historiador Charles de la Roncière.

Enquanto isto se passava na França, o Governador do Rio de Janeiro, Francisco de Castro Morais, dirigia-se a El-Rei, em março, relatando o estado precário das fortalezas e pedindo-lhe que mandasse artilharia e reforços em pessoal, para melhor defesa da Cidade. Não podia, contudo, a Metrópole atender aquela solicitação, porque a situação político-militar do Reino era difícil e aflitiva. Envolvido também na Guerra da Sucessão da Espanha, desde 1703, concentrara Portugal todo seu esforço militar nas operações contra os espanhóis, na península ibérica. E justamente, a partir de 1709, começara a série de insucessos portugueses, com a fragorosa derrota de seu exército na Batalha do Rio Caia, insucessos que os levaram, pouco depois, à paz de Utrecht, em 1712. O Brasil-Colônia, portanto, devia ficar naquela conjuntura, como o estivera já em outras, inteiramente entregue à sua própria sorte.

No dia 17 de agosto de 1710, a pequena frota de Du Clerc surgiu à vista das fortalezas da barra. Santa Cruz, depois de um tiro de advertência, dirigiu-lhe algumas salvas, como demonstração de espírito de luta que animava sua guarnição. Diante da inopinada reação, decidiu Du Clerc evitar o ataque frontal e tentar o assalto à Cidade por terra, mediante desembarque em algum ponto do litoral circunjacente. Prosseguiu, assim, para o sul, no dia imediato, em reconhecimentos da região, até a Ilha Grande. Aí foi procurado por escravos fugitivos de uma fazenda, os quais se prontificaram a guiar os franceses, de Guaratiba até o centro da Cidade (*Henri Malo, Du Clerc à Rio de Janeiro*).

Na manhã de 11 de setembro, pois, orientado pelos escravos conhecedores do País, fêz Du Clerc desembarcar cerca de mil homens na pequena e mansa praia de Guaratiba, providencialmente desguarnecida

na ocasião. Embora ainda existam opiniões e tradição divergentes, a respeito do local e do roteiro inicial de marcha da coluna invasora, deve ter sido ali mesmo o lugar onde os franceses desceram à terra. É o que se pode deduzir, confirmando outros documentos, do registro existente no livro dos Padres Beneditinos, segundo o qual os invasores, "procedentes de Guaratiba, causaram grandes danos e ruínas nos Engenhos da Vargem e do Camorim", situados ao norte das Lagoas de Marapendi e de Jacarepaguá (Mosteiro de São Bento, *Dietário*). Ora, para alcançar aquêles Engenhos, poderia Du Clerc ter seguido duas rotas. A primeira, pela Garganta e Campos de Grumarim e Estrada das Piabas, até desembocar nos Campos de Sernambetiba. A segunda, a mais provável, pela conhecida Estrada da Grotta Funda, até ganhar os mesmos campos, partes da antiga Sesmaria, ou Morgadio, dos Condes de Asseca, tornada famosa no Fôro do Rio de Janeiro, pelas importantes questões judiciais que tem suscitado em tôrno de sua origem e posse. Do Engenho do Camorim, prosseguiu Du Clerc, fraldeando os montes, pela planície de Jacarepaguá, até o Engenho Nôvo. Na tarde de 18, afinal, a coluna invasora acampou no Engenho Velho dos Padres (São Francisco Xavier), sem que tivesse encontrado qualquer resistência séria em sua marcha, pelos caminhos do Indaí ou Andaraí. O plano pôsto em execução pelo corsário francês desnorteara, por inteiro, o Governador Francisco de Castro Morais. Ao invés de procurar logo contato com a tropa desembarcada, deidira o Comandante da Praça, à frente do grosso dos defensores, formado em batalha, aguardar o inimigo no Campo de Nossa Senhora do Rosário (Campo de Santana). Por aí acreditava que deveria passar a coluna de Du Clerc, para alcançar o centro ou a parte setentrional da Cidade, dominada pelos Morros da Conceição e de São Bento.

No dia 19, bem cedo, Du Clerc continuou o movimento. Contra-riando as previsões do Governador, abandonou o caminho que o levava ao Campo de Nossa Senhora do Rosário, infltiu para a direita, pela Azinhaga de Mata-Cavalos (Rua do Riachuelo), e resolveu entrar na Cidade pela parte sul, que supunha menos guarnecida de gente. Ao atingir o Outeiro de Nossa Senhora do Destêrro (Morro de Santa Teresa), teve o primeiro recontro de importância com os defensores da povoação. Fê-los recuar e, estimulado pela superioridade numérica, avançou na direção do Convento da Ajuda (Cinelândia). Daí seguiu pela Travessa de São José, alcançou a artéria principal, a Rua Direita (1º de Março), e foi desembocar finalmente no Terreiro ou Largo do Carmo (Praça 15 de Novembro). Nesse momento, deve ter parecido a Du Clerc que a vitória e a Cidade estavam inteiramente em suas mãos. Isto porque Francisco de Castro Morais, que dispunha de cêrca de 2 mil homens destacados nas fortalezas e em outros pontos estratégicos, ainda continuava com o grosso da tropa em posição, esperando o suposto assalto.

Ocorreu, então, o imprevisto, o imponderável das batalhas. Moços estudantes, improvisados em soldados, ao mando de um bravo guerri-

lheiro, o Capitão Bento do Amaral Coutinho, surgiram intimoratamente no caminho dos invasores, barrando-lhes os passos e os desígnios. Saraivadas de balas certeiras, despedidas das janelas do Palácio do Governador, na Rua Direita, das casas próximas e dos cantos de ruas vizinhas, começaram a abrir claros irreparáveis nas fileiras adversárias. Nesse entremetos, tropas enviadas, afinal, às pressas, do Campo de Nossa Senhora do Rosário, passaram ao contra-ataque, encurralando Du Clerc e seus soldados no Trapiche da Cidade, grande e sólido edifício situado junto ao Palácio do Governador. Apertado o cêrco ao Trapiche, bombardearam-no intensamente os canhões dos navios atracados nas proximidades, os instalados na Ilha das Cobras e os da Bateria da Praia de São Bento, enquanto os sitiados, atirando sem cessar, diligenciavam, com barris de pólvora, fazer ir pelos ares o prédio. A essa altura era de entusiasmo e de confiança na vitória o ânimo dos combatentes luso-brasileiros, não obstante as pesadas baixas sofridas naquele local. Por seu turno, inspirado e encorajado pelo exemplo dos estudantes, o povo saiu às ruas para participar da refrega e caçar impiedosamente os remanescentes da coluna invasora. Ao fim do dia, sitiado, desfalcado em seus efetivos e sem possibilidades de receber auxílio ou reforços, capitulava Du Clerc, à frente de 650 homens aproximadamente. Os restantes, mais de 400, dos quais 200 mortos, haviam tombado na luta. E à margem desta, também caía, meses depois, inglôriamente, o Comandante da Expedição. Aos 18 de março de 1711, homens embuçados penetraram na casa que lhe servia de prisão e abateram-no desapidadamente, por motivos até hoje não muito claros e explícitos.

Frustrara-se, dessa maneira, o assalto à Cidade, menos pelas medidas corretas tomadas pelo Governador do Rio de Janeiro do que pela reação popular e erros cometidos pelo corsário francês. "O que há de realmente digno de menção na resistência ao ataque de Du Clerc ao Rio de Janeiro", escreveu o General Tasso Fragoso (**Os franceses no Rio de Janeiro**, edição da Biblioteca do Exército, comemorativa do IV Centenário), "é o ardor e patriotismo dos defensores, sobretudo dos estudantes que impediram ficasse a residência do Governador nas mãos dos assaltantes. Quanto aos dois chefes, fôrça é reconhecer que não estiveram na altura da grave tarefa que lhes havia tocado; a meu ver, por falta de capacidade militar".

A EXPEDIÇÃO DU GUAY-TROUIN

Precisamente um ano depois que a pequena frota de Du Clerc se apresentara diante da barra e fôra repelida pela Fortaleza de Santa Cruz, recebia o Governador do Rio de Janeiro, ainda Francisco de Castro Morais, aviso da próxima chegada à Baía de Guanabara de poderosa esquadra francesa. Comandava-a, segundo o informe, Du Guay-Trouin, um dos mais bravos marinheiros da época, no apogeu de sua carreira e fama de intrépido e desabusado corsário. A pretexto de vingar o revés e o assassinio de Du Clerc, aparelhara Du Guay-Trouin, com o

concurso de ricos armadores de Saint-Malo e o apoio moral e material do Rei Luís XIV, forte armada, constituída de 17 navios, 740 canhões e cêrca de 6 mil homens, para realizar uma expedição punitiva ao Rio de Janeiro. Não obstante os acontecimentos do ano anterior e as advertências do Governador à Metrópole, não haviam sofrido alterações nem recebido reforços, tanto os efetivos da guarnição quanto as obras de defesa da Cidade, em consequência, por certo, da situação político-militar realmente grave por que ainda atravessava Portugal, em guerra com a Espanha. Disponha, então, Francisco de Castro Morais, para fazer face ao poderio francês, apenas de 2.720 homens, 174 bôcas de fogo e 6 navios, dos quais sòmente 4 de guerra.

Assim, aos 12 de setembro de 1711, quando Du Guay-Trouin chegou ao Rio de Janeiro, tudo lhe era favorável. Ciente do estado precário das fortificações e confiante na absoluta superioridade de fogo de sua esquadra, decidiu forçar a entrada da barra, em vez de contorná-la, para efetuar o desembarque no litoral vizinho, como o fizera Du Clerc, um ano antes. Às 13 horas, sob proteção de espessa cerração, os navios, em fila, adentraram a baía, resolutamente. Ao fim de três horas, depois de canhonear os fortes e as baterias de terra, que responderam ao fogo, a esquadra francesa, quasi incólume, fundeava na Armação. A partir daquele instante, a defesa da Cidade entrava em colapso. As fortalezas estavam praticamente ultrapassadas e fora de ação, assim como inservíveis os seis navios, alguns incendiados e outros encalhados nas proximidades da Ilha das Cobras, por ordem do Sargento-Mor-de-Batalha-do-Mar, Gaspar da Costa Ataíde. A surpresa do evento, o poderio do inimigo, já instalado no interior do dispositivo de defesa da Cidade, a inépcia dos chefes militares e o desentendimento entre os Comandantes das fôrças de terra e de mar, contribuíram desde logo para que a população, atônita, não pudesse participar da luta e da reação, como em 1710.

Diante da fraca resistência e da desorganização dos defensores, Du Guay-Trouin foi executando, com sua proverbial energia, o plano que traçara para conquista da Praça. Na manhã seguinte, ocupou a Ilha das Cobras, importantíssima posição dentro da baía, fortificou-a e passou a hostilizar dali o Morro de São Bento. No dia 14, desembarcou 3.800 homens na Praia de São Diogo e instalou-se nas alturas adjacentes, do Morro de São Diogo ao do Livramento, junto ao da Conceição, passando, assim, a dominar inteiramente a planície onde se assentava parte da povoação. De 15 a 18, verificaram-se escaramuças e pequenos recontros diante das posições mantidas pelos franceses, com reduzidas baixas nas fileiras de ambas as partes. No dia 19, percebendo que lhe era francamente favorável a situação, Du Guay-Trouin intimou o Governador Francisco de Castro Morais a capitular, sob pena de "reduzir a cinzas" a Cidade, "de levar a ferro e fogo todo êste país" e de submeter a provações tôda a população. Embora não correspondesse aos fatos nem à disposição de ânimo dos chefes militares encarregados da defesa, a resposta foi negativa e sobranceira, digna daqueles bravos

guerreiros lusitanos que, no século anterior, de tantas glórias se cobriram, na resistência ao jugo dos invasores holandeses, no nordeste brasileiro. Em face, portanto, da enérgica repulsa do Comandante da Praça, que prometia defendê-la "até a última gôta de sangue", o Comandante da Expedição punitiva determinou o ataque geral. Ao anoitecer de domingo, 20 de setembro, os canhões franceses das baterias de terra e de alguns navios da esquadra despejaram sobre a Cidade uma aluvião de balas. Os ribombos e clarões da artilharia, misturados aos relâmpagos e trovões da noite escura e chuvosa, levaram o terror, pânico e desespero não somente à população desorientada, mas também às próprias forças que ainda se encontravam em seus postos. Nessa conjuntura, o Governador Francisco de Castro Morais, sentindo-se incapaz de cumprir sua missão, mandou que se abandonassem as posições, e ele mesmo, acompanhado de pouca gente, retirou-se para o Engenho Nôvo dos Padres. No dia 21, Du Guay-Trouin apoderou-se, sem resistências, dos entrincheiramentos dos Morros da Conceição e de São Bento e entrou vitoriosamente na povoação abandonada.

Contudo, não ficou somente nessa retirada o ignominioso desfecho da luta para as armas luso-brasileiras. Du Guay-Trouin insistiu em sua intimação, exigindo agora 12 milhões de cruzados pelo resgate da Praça. Marchou no encalço do Governador fugitivo, a quem impôs, no dia 10 de outubro, ainda sem combate e apenas pela exibição de sua superioridade de armas, a assinatura de um ajuste, pelo qual ficava o vencido obrigado a pagar ao vencedor a importância de 610 mil cruzados, além de 100 caixas de açúcar e 200 bois, para libertação da conquista. No dia 4 de novembro, recebeu a última prestação do resgate e devolveu, em consequência, a Cidade. Todavia, somente aos 13 de novembro, a esquadra francesa, sob as ordens do ousado e vitorioso corsário, levantou âncoras, enfunou as velas e deixou a Baía de Guanabara, levando os valiosíssimos despojos arrecadados em seu bem sucedido assalto à Cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro.

Esse acontecimento, de grande repercussão mundial, na época, teria empanado a honra e o brilho das armas luso-brasileiras, se não ocorressem, então, dois episódios de alta significação militar. Do primeiro foi protagonista o destemido guerrilheiro Bento do Amaral Coutinho, que, no ano precedente, havia encabeçado a reação popular, à testa da valorosa Companhia dos Estudantes. Novamente diante de forças invasoras, portou-se Bento do Amaral Coutinho com a mesma bravura e combatividade. Comandante de um Destacamento de 150 homens, pagos de seu bolso, estabelecera a vigilância e defesa da Bica dos Marinheiros, a fim de impedir que os atacantes se apoderassem daquela entrada, "que era a única pela qual se comunicava a Cidade com o interior do País". Inconformado com a inatividade do Governador, pediu-lhe reforço substancial com que pudesse desalojar os franceses de suas posições, nos Morros de São Diogo e do Livramento. Não atendido, apesar da promessa, efetuou, com a sua própria gente, dois ataques contra or-

ganizações inimigas. Após a retirada das tropas para o Engenho Nôvo, dirigiu-se Bento do Amaral Coutinho à Praia Vermelha, a fim de verificar a situação da Fortaleza de São João. De regresso, no dia 23, segundo Rio Branco (*Efemérides Brasileiras*, Rio, 1946), nas imediações da Lagoa da Sentinela (local aproximado da confluência das Ruas do Riachuelo, Frei Caneca, Marquês de Pombal e Santana), o intrépido guerrilheiro encontrou a morte gloriosa num choque que aceitou contra forças adversárias muitas vezes superiores em número.

Do segundo episódio foi principal personagem o Governador das Minas Gerais, Capitão-General Antônio de Albuquerque Coelho de Carvalho. Informado, no dia 21 de setembro, da invasão do Rio de Janeiro pela esquadra de Du Guay-Trouin, decidiu imediatamente marchar em socorro desta Cidade. Conclamou o povo às armas, requisitou provisões e organizou o Exército de Libertação, em cujas fileiras se encontravam paulistas, mineiros, nortistas, reinóis, combatentes da Guerra dos Emboabas, num total superior a seis mil homens, "da melhor e mais lúida gente da Capitania". Uma semana depois, punha-se em movimento, de Vila Rica (Ouro Preto), e a 11 de outubro, segundo alguns historiadores, ou, mais provavelmente, a 25, após 17 dias efetivos de marcha, chegava, com o grosso da Expedição, às vizinhanças do Rio de Janeiro. Não pôde mais intervir nos acontecimentos, inclusive no ato da capitulação, que ocorrera no dia 10, mas a sua presença, pela fama que desfrutava e pelo respeito que infundia no próprio campo inimigo, evitou maiores infortúnios à Colônia. Com efeito, ao saber, em princípio de outubro, por intermédio de negros desertores, da aproximação da força comandada pelo Capitão-General Antônio de Albuquerque, Du Guay-Trouin revelou ter ficado "muito inquieto com tal notícia. Compreendi — escreveu tempos depois (*Memoires*, Amsterdam, 1740), — a necessidade de fazer um esforço antes dessa reunião. Esse socorro, que chegava um pouco tarde, era muito considerável para que eu não lhe desse atenção".

A confissão de Du Guay-Trouin é significativa e mostra a influência que exerceu, em suas últimas decisões e no seu apressado regresso à França, a presença do Governador das Minas Gerais, à frente do Exército Libertador, ao qual se incorporaram, refeitos, reanimados, os defensores e a gente do Rio de Janeiro. A bravura e o sacrifício de Bento do Amaral Coutinho, e o espírito de iniciativa e a capacidade militar do Capitão-General Antônio de Albuquerque Coelho de Carvalho salvaram efetivamente em 1711, a honra e a reputação das armas luso-brasileiras.



GUERRA DO PARAGUAI

A Subseção Comercial da Biblioteca do Exército possui à disposição dos interessados a monumental obra do Gen Augusto Tasso Fragoso, "História da Guerra entre a Triplíce Aliança e o Paraguai", revista e anotada pelo Ten-Cel Francisco Ruas Santos.

5 volumes — 3.228 páginas — 96 mapas.

Preço: Volumes e mapas — Cr\$ 3.000,00.

Capa colecionadora de mapas Cr\$ 250,00.

Pedidos pelo reembolso postal à Subseção Comercial, Biblioteca do Exército, Palácio da Guerra, 3º andar da Ala Marcílio Dias.

Rio de Janeiro — GB, ZC-55
Enderêço telegráfico: BIBLIEX



FOI TRANSFERIDO? Mantenha-nos informado de seu novo enderêço, para evitar atrasos no recebimento de sua Revista.